

Onde está a nossa pátria; para onde retornamos?

Where is our Homeland; where do we return?

Barbara Juršič¹

Faculty of Arts, University of Ljubljana, Ljubljana, Slovenia.

¹ Doutora pela Universidade de Liubliana, Eslovênia, em literatura portuguesa. Professora de literatura portuguesa na Universidade de Liubliana. Traduziu para o esloveno obras de José Saramago, António Lobo Antunes, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Mia Couto, Gonçalo M. Tavares, Dulce Maria Cardoso, Bernardo Carvalho, entre outros escritores. É autora do livro infantil *Ouriço Coração de Leão*.

 <https://orcid.org/0000-0002-0630-0202>

E-mail: ajsi.disi@gmail.com

RESUMO: Este artigo trata do tema dos retornados da antiga colônia portuguesa, Angola. No romance *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso, acompanhamos a história de uma família de retornados que adquire um forte valor simbólico. A mãe significa a cisão entre os dois mundos, o real, o palpável, e o invisível; simboliza também a dor dos retornados de não encontrarem casa “em casa”, em Portugal, que deveria ser a pátria deles, mas onde são considerados cidadãos de segunda classe. Ela é também um espelho do interior das personagens. O pai simboliza a terra, a casa e representa o porto seguro para a família. O papel dele é parcialmente retomado pelo filho Rui, que é também narrador, na primeira etapa da vida em Portugal. Ele simboliza o futuro e apela para a “não cegueira” sobre o tema das ex-colônias, vence o medo, tão presente no romance, aos “demónios” da mãe, ao próprio medo e ao futuro. No futuro, num tempo novo, começar-se-á a construir o presente, a verdadeira Pátria, onde quer que seja, na metrópole ou nas colônias.

Palavras-chave: Identidade; Pátria; Retornados.

ABSTRACT: The article explores the subject of returnees from the former Portuguese colony Angola. In the novel *O Retorno* by Dulce Maria Cardoso, we follow the story of a family of returnees with powerful symbolism. The mother represents the schism between the two worlds, the real, material one, and the invisible. She also symbolizes the pain felt by the returnees due to not finding home “at home”, in Portugal, which should be their homeland, but treats them like second-class citizens. She is also a mirror reflecting the internal world of the characters. The father symbolizes the earth, the house and represents a safe haven for his family. His role is partly taken over by their son Rui, also the narrator, during the early period of their living in Portugal. He symbolizes the future and calls for “non-blindness” on the matter of the former colonies. He overcomes fear, omnipresent in the novel, of the mother’s “demons”, his own fear and fear of the future. In the future, in a new era, the present will be constructed, as will the real Homeland, wherever it may be – in the metropole or in the colonies.

Keywords: Identity; Homeland; Returnees.

Para quando a nova viagem para esse outro desconhecido que somos nós mesmos e Portugal conosco?

Eduardo Lourenço¹

O romance *O Retorno* de Dulce Maria Cardoso trata do tema dos retornados depois da descolonização seguida à revolução de 1974. Um mar de retornados, meio milhão, “505.078 retornados das antigas colônias” (GUERRA, 2009, contracapa), retorna para o que era a terra dos seus antepassados mas, que já não é a terra deles. A descolonização, uma promessa de liberdade e de autogestão para a população negra, mas, para os portugueses, perda de tudo e uma migração em massa para Portugal, país materno mas, ao mesmo tempo, estranho, desconhecido. Para Rui e a sua família que vai de Luanda, junto com os outros retornados, no avião rumo a Lisboa, significa o fim do mundo. Como afirma João Paulo Guerra, na obra *Descolonização portuguesa – O regresso das caravelas*:

O 25 de Abril, em Portugal, não pôs fim à guerra em Angola, na Guiné e em Moçambique. No dia 26, a UNITA rompeu com as tréguas que mantinha com as tropas coloniais, atacando uma companhia do exército português. Nesse mesmo dia a FNLA declarou em Kinshasa que não hesitaria em conquistar a independência de Angola ‘à força’ expulsando os portugueses do território. ‘Não restará uma peça de mobiliário que se possa aproveitar,’ ameaçou Holden Roberto na altura (GUERRA, 2009, p. 79).

Antes de analisarmos a obra, resgatemos alguns dos aspectos da descolonização das colônias portuguesas e outros mais gerais. Durante o ano de 1974, apenas havia sido formalmente reconhecida a independência do território de Guiné Bissau, a 10 de setembro de 1974, e Goa, Damão e Diu como territórios pertencentes à Índia. A independência dos restantes

territórios ocorreu em 1975: Moçambique, a 25 de junho; Cabo Verde, a 5 de julho; São Tomé e Príncipe, a 12 de julho e Angola a 11 de novembro. O território de Timor Leste viu reconhecida a independência a 28 de novembro, tendo sido dominado pela Indonésia até 2002 (PORTUGAL, 2018).

Lembrando como tudo começou, podemos falar de três ciclos expansionistas: o do Oriente, o brasileiro e o africano (PORTUGAL, 2018). O objetivo inicial da expansão portuguesa era o Oriente longínquo. O primeiro ciclo começa no século XVI, tendo a característica de feitorias dispersas, e termina em meados do século XVII, aquando da crise prolongada da metrópole, sob a soberania espanhola. Portugal então perdeu a quase totalidade das suas possessões do Oriente para as novas potências marítimas emergentes, a Holanda e a Inglaterra, apenas salvando os territórios de Timor, Macau, Goa, Damão e Diu.

No segundo ciclo, Portugal partiu à conquista do continente americano e estabeleceu um verdadeiro império no Brasil. No período de nova crise, durante as invasões napoleónicas e a conseqüente retirada da Casa real para o Brasil, mas, seguindo o modelo da independência dos Estados Unidos em 1776, o Brasil atinge a sua independência em 1822 (FAUSTO, 2012).

Uma vez fechado o ciclo americano, as potências europeias dirigem-se para o continente africano, onde fazem o palco das suas lutas coloniais e onde encontram uma fonte das matérias-primas que a revolução industrial na Europa requeria. Portugal, que já conquistara Cabo Verde e São Tomé e Príncipe durante o ciclo do Oriente, passa a ocupar o interior do continente africano. Na Conferência de Berlim, em 1885, as potências europeias procederam à partilha do continente africano e, por conseguinte, à colonização. Depois da Grande guerra, os movimentos Pan-Africano e Pan-Negro começam a campanha pela descolonização da África que se intensifica depois da Segunda Guerra Mundial. O movimento atinge também

¹ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*. Lisboa, Gradiva, 2005, p. 66

as colônias portuguesas. Inicia-se a descolonização do ciclo africano do império português, o que acontece ao mesmo tempo que nos outros territórios colonizados (PORTUGAL, 2018).

A guerra colonial nas colônias portuguesas durou treze anos, e, finalmente, com o 25 de abril de 1974, Portugal entrou no processo de descolonização. Naquela época, Portugal enfrentava uma grave crise institucional interna e exigia das colônias o cessar-fogo para negociar o futuro estatuto de cada colônia; por outro lado, os movimentos independentistas exigiam de Portugal o reconhecimento do direito à independência. Coube definir as tarefas globais e aquelas particulares para cada colônia, nomeadamente para Angola, onde houve vários movimentos. A época pós-colonial foi, então, um futuro que ainda não estava fácil de viver. Contudo, ganhar independência não foi uma tarefa tão difícil como descolonizar as mentes.

A escritora Dulce Maria Cardoso viveu a sua mais tenra idade na Angola. Em *O retorno*, fala-nos de uma família que, entre tantas e como tantas, atingida pelos acontecimentos de descolonização, passa a viver tempos difíceis, e luta para a sobrevivência, mas também por reconquistar a casa, a Pátria, a sua própria identidade.

A leitura do livro de João Paulo Guerra, *Descolonização portuguesa – o regresso das caravelas*, obra constituída por depoimentos e opiniões de vários protagonistas, intervenientes e observadores do problema colonial, é um bom ponto de partida para a compreensão do complexo processo da descolonização, como constata Ernesto Melo Antunes, autor do prefácio.

Em *O retorno*, vamos estudar mais em pormenor a figura da mãe – também em contraste com a figura do pai –, uma representação muito elaborada, que, como lemos, não aguenta o clima, não aguenta a terra em que foi viver – Angola –, que é atingida pelos “demónios”, e só pode viver uma vida normal com a ajuda do seu marido, uma âncora, um porto seguro

para a família toda. Sozinhos, Rui, a irmã e a mãe retornam para Portugal, que lhes é tudo menos Pátria, e só tornam a encontrar “a casa”, a “Pátria” a partir do momento em que regressa um dia, por milagre, o pai, cena também com forte valor simbólico.

A autora, ao sublinhar o sofrimento dos retornados em meados dos anos 70, sublinha a importância da família, dessa célula pequena em que vivemos em casa, e da família nacional que é o nosso país, a nossa casa em sentido mais amplo, que não pode existir sem a célula primária e sem pormos as raízes na terra e crescermos naquilo que a compõe.

A autora transforma as emoções em palavras que, quando lidas, tornam-se emoções que nos inundam. As personagens têm uma forte conotação simbólica. O pai é o símbolo da terra, da casa; quando o levam e ele não acompanha a sua família a Portugal, o papel dele é parcialmente retomado por Rui, o filho. A mãe, mesmo vivendo em Luanda, tem duas terras, contudo, vive as duas como em um sonho. Angola assusta-a, considera que lhe suscita demónios (como chama(m) a sua doença) que não lhe deixam viver uma vida normal. Portugal é uma lembrança e um lugar onde tudo está certo, onde há cerejas saborosas e meninas bonitas.

As realizações só são possíveis com o pai ao lado. Por isso, quando o pai chega a Portugal, na altura em que os retornados ainda estão no hotel, transforma o país, chamado Portugal, que antes só tinha da pátria o nome, em Pátria (com maiúscula). Quando o pai chega, tudo é possível.

Vamos fazer um breve percurso da figura da mãe durante o romance. A mãe, Dona Glória – à diferença da maioria das mães na ficção, não significa casa (embora seja dona de casa), mas aquela cisão entre os dois mundos, o real, o palpável e aquele além, invisível aos nossos olhos, dos sonhos, do subconsciente; os demónios não lhe deixam ter raízes para ela se sentir em casa em Angola. A mãe é, personificada, aquela dor dos retornados de não encontrarem casa, de não se sentirem em casa, de não se sentirem bem na

própria pele, mas que não param de se procurar, não param de ter os seus sonhos.

Para poder viver neste mundo, é preciso ter um ponto de referência, que é, no presente romance, o pai (não, por exemplo, a Pátria que, aliás, nunca ganhou a terceira dimensão na mente das personagens).

A mãe não é uma mãe típica – não cozinha bem, as vizinhas falam que não sabe cuidar bem dos filhos. Ela “fazia perguntas que não devia fazer e interrompia as conversas quando lhe apetecia como uma criança impaciente” (CARDOSO, 2011, p.37-38). Dona Glória não queria ser uma “dona de casa como as vizinhas, queria ser uma dona de casa como as do cinema” (CARDOSO, 2011, p. 117). Ela tem sonhos que não quer abandonar.

A mãe está doente, tem uma doença psíquica, tem que engolir um montão de comprimidos todos os dias, mas, todos consideram que a culpa é do clima, de Angola; se estivesse em Portugal, isso nunca aconteceria. Esta asseveração é como um estribilho que se repete durante a obra toda: “A culpada de a mãe ser assim é esta terra. Sempre houve duas terras para a mãe, esta que a adoeceu e a metrópole, onde tudo é diferente e onde a mãe também era diferente. O pai nunca fala da metrópole, a mãe tem duas terras mas o pai não” (CARDOSO, 2011, p. 11).

A mãe está dividida entre as duas terras e não se sente bem naquela onde mora, sonha com a sua terra natal, que é Portugal. Diz que a terra (Angola) a adoeceu. Trata-se de uma terra muito personificada: foi a terra que, segundo a citação, “adoeceu” a mãe. Ela é, aliás, a personificação dos imigrantes, uma questão extremamente atual, de pessoas que não conseguem sentir-se em casa no país onde vão morar ou para onde são obrigadas a ir morar. Podemos dizer que se trata de um fenómeno de desenraizamento. A mãe refugia-se num mundo seu, sonha com um futuro mais feliz e com uma terra a qual pudesse chamar de Pátria: “A mãe não gosta de sol nem de sal. Gosta de rosas” (CARDOSO, 2011, p.13).

Ela adora rosas, símbolo de um mundo ideal, bonito. As rosas contrastam com as dalias que ela aprendeu a bordar e que estão na toalha do seu enxoval. A simbologia das flores só sublinha a desarmonia entre o mundo real (dalias) e o mundo sonhado, desejado (rosas). Segundo a simbologia das flores (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993), a dália representa a memória dos bons e velhos tempos (a mãe lembra os tempos em que era uma moça, em que era noiva, jovem e feliz). Por exemplo, “quando pousa a travessa na mesa, demora a mão sobre a toalha das dalias” (CARDOSO, 2011, p.8), e “(...) a mãe regressou com a toalha das dalias e começou a chorar outra vez (...)” (CARDOSO, 2011, p.14). Mas, também, a instabilidade e a insegurança (o que a família vive “quando começam os tiros”, antes de embarcar para Portugal): “o pai pega na faca de cortar a carne e com a ponta afiada começa a rasgar uma das dalias que a mãe bordou” (CARDOSO, 2011, p.21). Esta frase é bastante simbólica. O pai, ainda com algum remorso, com a alma cheia de tristeza, começa a rasgar a vida que tiveram até então. Mesmo que as dalias eram bonitas, que a vida deles na África até então não era má, chegou o momento de insegurança, de ruptura com a vida anterior. “Não fica cá nada, diz o pai empurrando a ponta da faca em direção ao centro da dália que a mãe bordou (...)” (CARDOSO, 2011, p.21). A vida deles em Angola acabou, já não há aquela vida que viveram antes de começarem os tiros. “Não fica cá nada (...)” (CARDOSO, 2011, p.22) repete, como num estribilho, o pai.

A rosa é o símbolo de amor eterno, de felicidade (pela qual a mãe anela permanentemente), traz a paz, a segurança e a felicidade para a vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993): “A mãe nunca deixava morrer as rosas” (CARDOSO, 2011, p.37). O pai e a mãe têm-se muito amor e “depois de ter bebido uns whiskies”, o pai descontrai e retorna aos tempos em que eram novos, e “cantou para a mãe, *you bem sabe que não lhe prometi um mar de rosas (...)*” (CARDOSO, 2011, p.256).

Ao mesmo tempo, a mãe é também um espelho do interior das personagens. Os seus próximos espelham-se no comportamento dela; parecem pessoas diferentes, mais fortes, mas, no seu interior, vivem as mesmas batalhas que aquelas que são mais evidentes, mais exteriorizadas na personagem da mãe.

Quando começam os tiros, eles já não estão ali completamente presentes, “parecemos visitas” (CARDOSO, 2011, p.19), podemos ler, e o alheamento da mãe reflete o estado de ânimo da família toda, exteriorizado pela figura materna.

“A mãe olha lá para fora, os olhos inquietos debaixo do pó azul, não se deve importar que o pai rasgue a toalha, não a vai levar de qualquer maneira, deve estar preocupada com o atraso do tio Zé” (CARDOSO, 2011, p. 22). O pó azul, que mais adiante, quando a família já está em Portugal, já não cobre os seus olhos, já não cobre a realidade, neste ponto ainda disfarça a realidade, a triste realidade, quando começa o estado de guerra, quando começam os tiros, quando os “tugas” começam a deixar/fugir de Angola.

“A mãe deve saber” (CARDOSO, 2011, p.23). A mãe deve saber como estão as coisas, mas finge que não, que está tudo bem, até ao momento em que levam o pai. Mas, ela deve saber também como está na metrópole: “Era outono quando veio para cá no Vera Cruz, com laços nas pontas das tranças como no retrato que está pendurado na parede da sala” (CARDOSO, 2011, p. 23). Ela lembra o país natal como algo idílico, e mostra as fotos da família aos filhos, como se as pessoas que nelas aparecem fossem irreais. A mãe é aquele laço entre “a terra” que é Angola, que é a Pátria das crianças dela, e Portugal, a sua terra natal.

Quando ela chegou à Angola, para casar, parecia-lhe “como se tivesse calhado ser ali o chão do inferno” (CARDOSO, 2011, p. 26). Ela nunca adotou a Angola como sendo seu país, como a casa, a sua casa; a sua Pátria eram o marido e os filhos.

D. Glória lembra com nostalgia a sua terra natal, Portugal, e os familiares, que, para os seus filhos, não eram pessoas vivas, mas, personagens de um livro, seres distantes, pouco reais. A esta reflexão podemos associar o pensamento de Eduardo Lourenço, na obra *O Labirinto da saudade*, analisando os portugueses:

num dos momentos de maior transcendência da história nacional, os Portugueses estiveram ausentes de si mesmos, como ausentes estiveram, mas na maioria “felizes” com essa ausência, durante as quatro décadas do que uma grande minoria chamava “fascismo” (LOURENÇO, 2005, p. 48).

Em *O retorno*: “Os familiares da metrópole eram-nos ensinados pela mãe como uma matéria da escola ou da catequese, o lado materno, o lado paterno, os tios e primos em primeiro grau e os de segundo grau, os de sangue e os de afinidade, os mortos e os vivos” (CARDOSO, 2011, p. 35).

A realidade das fotos é a realidade da mãe, igualmente idealizada por ela, mas, para os outros, a família dela, num outro continente, noutra terra, são imagens puramente ficcionais, puras imagens sem vida. Quando vão embora... sem o pai, no aeroporto, sabemos pela boca do narrador, o filho Rui, que: “a tropa manda-nos avançar para a pista, o avião está à nossa frente, enorme e brilhante, gente e mais gente até ao avião que vai levar-nos, as escadas do avião estão descidas. A mãe a correr por dentro da poeira que não assenta” (CARDOSO, 2011, p. 63).

Podemos anotar uma forte oposição entre o avião brilhante e a mãe dentro da poeira. O avião, aliás, é brilhante, mas, “vai levar-nos”, vai levar os retornados, contudo, sem saber aonde. O fato que nos é dado e que sabemos da História é que os aviões levavam as pessoas das colónias para “a metrópole”, para Portugal, mas, no sentido íntimo, esse destino resta aberto, sem dizer. Ninguém sabe para onde serão levados, eles, que não têm terra; deixaram uma, que não era completamente deles nem os aceitou

completamente, para serem levados para outra terra, que devia ser a terra deles ou dos seus antepassados, mas, efetivamente não o é. Ou, melhor dito, ainda não o é e eles são para ela os cidadãos de segunda classe. Ainda pior, como sublinha Lourenço, nota-se entre os portugueses uma “insólita e aparente apatia com que (...) assistiram (se assistiram) ao fim do seu domínio colonial” (LOURENÇO, 2005, p. 61).

Rui assume o papel do pai quando chega a Portugal. De um dia para o outro, tem que crescer, tem que pensar nas coisas sérias, coisas de adultos. Fica preocupado com a doença da mãe, a quem a chegada ao país natal não ajuda, sobretudo porque a pequena Pátria dela, a sua família, não está completa.

Quando nos recusaram o dinheiro de lá tive medo que a mãe começasse com as suas fitas, nunca se sabe o que a mãe pode fazer, as mãos tremiam-lhe e os olhos piscavam como se estivessem avariados mas a única coisa que a mãe fez foi chorar baixinho (CARDOSO, 2011, p. 78).

Podemos dizer que a mãe também é imprevisível como a alegada Pátria. A figura da mãe simboliza neste ponto a Pátria, os familiares que não querem saber deles, quando a mãe e os seus dois filhos chegam a Portugal.

Assim comenta Eduardo Lourenço a situação,

quanto ao povo português – que a sério nada conhecia do fabuloso e mágico império – só tomará realmente consciência dos acontecimentos quando após as independências de Angola e Moçambique centenas de milhares de retornados invadem de súbito a pacífica e bonacheirona terra lusitana (LOURENÇO, 2005, p. 63).

A mãe não pode assumir a perda do marido, por isso mente: “o meu marido teve de ficar lá a tratar de uns assuntos” (CARDOSO, 2011, p. 79). O que aconteceu ao pai não se discute, é um tema proibido, “(...) nem quando estamos sozinhos falamos sobre o que aconteceu ao pai” (CARDOSO, 2011, p. 80). E ainda:

Às vezes é pior quando não os matam. O pai está sentado mas não nesta cadeira. Às vezes é pior quando não os matam. Deve ser por isso que a mãe não come, deve ser por isso que olha para mim e para a minha irmã como se não compreendesse a nossa fome ou o que é que o pai pode está a fazer numa cadeira que não é a cadeira em frente dela (CARDOSO, 2011, p. 90).

Rui, tão novo ainda, tem de repente um grande peso nas suas costas, tem que tomar uma decisão – desistir de tudo ou vencer o medo, o medo que é uma emoção muito presente neste romance – que move as personagens –, e tomar o papel do pai, fazer o que o pai faria se ali estivesse, “(...) as palavras do pai sem o pai no restaurante do hotel” (CARDOSO, 2011, p. 87), porque “(...) o pai sabe que a mãe tem a cabeça fraca e que não se deixa tratar, nada nem ninguém consegue tratar a cabeça da mãe e muito menos tratar as outras coisas” (CARDOSO, 2011, p. 95).

A mãe não se sente melhor. A próxima citação o comprova perfeitamente; sentimos nela a ironia pelo uso da palavra “abençoada” para descrever Angola e “a metrópole onde nasceu e onde está protegida de tudo”, o que se revela como incorreto.

A mãe pausa o garfo dando a refeição por terminada. Dantes o saco dos comprimidos estava sempre na bancada da cozinha e antes de cada refeição a mãe tinha o hábito de ordenar cuidadosamente aqueles que ia tomar. Agora já não há nada, nem saco, nem bancada, nem cozinha e a mãe faz o que lhe apetece. Como as mesas estão muito juntas umas às outras, baixo a voz e pergunto à mãe pelos comprimidos, aqui não preciso de comprimidos, diz a mãe sem baixar a voz, aquela era uma terra abençoada mas não para mim que fiz o meu corpo aqui. A mãe continua a ter duas terras, a metrópole onde nasceu e onde está protegida de tudo, até das crises, e a terra abençoada à qual o corpo nunca se habituou, um clima muito forte para os corpos que não se criam lá (CARDOSO, 2011, p. 95).

Com esta ironia, sublinha-se ainda a angústia da mãe, que é a angústia da família toda, de todas as famílias de retornados, enfim, de todos os

retornados. Com coração apertado e com muito desgosto, por serem tratados mal, por não terem casa, por ninguém os querer, por terem perdido tudo, sentem-se como os imigrantes de hoje-em-dia, mas, a pior ironia é que a Pátria tão bem-amada não os quer, rejeita-os silenciosamente, recebe-os só por obrigação. A angústia dessas pessoas é simbolizada pela angústia da mãe, pelos seus demónios, pela sua doença.

A mãe está a torcer as mãos nos bolsos do casaco que lá usava no cacimbo. Conheço aquele torcer de mãos, a mãe está a ficar pior, os demónios andam a rondá-la. Afinal a culpa não era daquela terra, a mãe aqui também não está a salvo das crises (CARDOSO, 2011, p. 123).

Podemos verificar também uma mudança exterior na mãe que reflete a preocupação interior; a mãe é outra vez o símbolo de como se sentem os retornados: “A mãe já não usa o pó azul nos olhos nem o batom cor-de-rosa nos lábios, já não cheira a Si Fraïche” (CARDOSO, 2011, p. 125).

A mãe está pior, porque não sabe nada do pai; o pai que é o centro estabilizador de tudo, o pai que, por assim dizer, é o símbolo não de dor, de desgosto e de tristeza dos retornados (simbolizados pela mãe), mas de esperança, de um futuro melhor para essa parte da nação portuguesa que é, depois de voltar das ex-colónias, considerada cidadãos de segunda classe. Rui, personagem e narrador, acredita no regresso do pai, acredita no futuro, embora o veja muito incerto. Rui é o símbolo da geração jovem que construirá um Portugal novo logo a seguir à revolução. Uma Pátria nova de que todos estão precisando e que será de todos, não só dos eleitos. Rui vence no primeiro lugar o medo aos “demónios” da mãe, “a mãe que tinha a doença que não era de médicos (...). Não podiam curar a doença, não era uma doença normal, nem sequer era uma doença. Eram demónios” (CARDOSO, 2011, p. 155-156), que tomam conta da mãe também em Portugal, no hotel, e que o pai sabia expulsar. Em segundo lugar, Rui vence o medo ao próprio

medo, “expulsa os demónios da mãe” (CARDOSO, 2011, p.161-162), o que é muito simbólico, e, ao mesmo tempo, em terceiro lugar, vence o medo ao futuro, ao incerto, a essa situação que não lhes promete nada, e, assim sendo, simboliza também a esperança de um futuro melhor (do quarto se vê o mar!) para a nação inteira. “Um quarto pode ser uma casa e este quarto com esta varanda de onde se vê o mar é a nossa casa enquanto não vamos para a América” (CARDOSO, 2011, p. 173).

Também os sonhos de ir para a América simbolizam o desejo pela vida melhor, a esperança. Quando o pai regressa, a “mãe junta as mãos em oração depois de ter inventado um céu no tecto do corredor do hotel, obrigada, meu deus, e como se não fosse suficiente, ajoelha-se, (...), obrigada meu deus por me teres concedido uma graça tão grande” (CARDOSO, 2011, p. 221).

O pai é igual a deus para ela. E o é, porque tem desejo de reconstruir a vida, de construir um mundo novo para a família dele, tal como Deus que fez o mundo. Rui vai aprendendo uma nova lição, a de ficar e de tentar persistir, de já não ter medo, o que provou já antes da chegada do pai e que agora só reafirma. Já não tem vontade de partir, nem para a América, nem para o Brasil, nem para a África do Sul. O futuro pode ser ali “porque as coisas terríveis estão sempre a acontecer cá, lá, em todo o lado” (CARDOSO, 2011, p. 261), e ele sabe combatê-las. Ele é o contrário daquilo que Eduardo Lourenço diz em relação aos motivos da colonização, feita pelos portugueses:

Começou então a doer-nos, não o estado de Portugal, as suas desgraças ou catástrofes políticas, mas a existência portuguesa, pressentida, descrita, glosada, como existência diminuída, arremedo grosseiro da existência civilizada, dinâmica, objeto de sarcasmos e ironias, filhos do amor desiludido que se lhe votava. Para fugir a essa imagem deles de si mesmo (“choldra”, “piolheira”) Portugal descobre a África, cobre a sua nudez caseira com uma nova pele, que não será apenas imperial, mas imperialista, em pleno auge dos imperialismos de outro gabarito (LOURENÇO, 2005, p. 30).

Acreditando no futuro, numa imagem melhor de si mesmos, finalmente, mudam para um apartamento e, estando todos juntos, esse pode ser chamado de “casa”. A nova vida começa, aquela da família deles e aquela do país. Portugal também deve ficar reconstruído depois da revolução, depois da descolonização.

“A casa nova é um quarto e uma sala sem varanda. (...) A mãe está tão feliz que o pai nem precisava de prometer nada, não há lugar como a nossa casa, na nossa casa é que se está bem, repete a mãe apesar das paredes frias e da pouca luz” (CARDOSO, 2011, p.238-239).

Tudo o que acabamos de dizer e de citar é a metáfora de uma pátria que, depois de todos os sobressaltos, começa a construir um presente, um futuro em um tempo novo, mais democrático, onde haverá lugar para esquecer as amarguras, os traumas e os ressentimentos antigos.

Afinal, “o futuro pode ser onde se quiser” (CARDOSO, 2011, p.266), mas não no passado, porque o passado é o sítio mais perigoso, segundo as palavras da autora². Dulce Maria Cardoso responde, na entrevista, quando perguntada se tem medo, que sim, que tem medo do passado, porque:

Não conheço sítio mais perigoso. Tem muitas armadilhas. E podes mitificar o passado, que é uma coisa que não sabia até há pouco tempo. Refazê-lo. Podes ficcionar de tal maneira que o teu passado passa a ser outro. Aconteceu-me agora. À força de ter ficcionado a escrever *O Retorno* e de ser partilhado com tanta gente, o meu passado angolano já inclui aquela ficção (CARDOSO, 2016).

Quanto ao recriar o passado que foi ruim, que fez muito mal às pessoas, para fazer um melhor e poder continuar a viver, pelo menos com “aquela ficção”, como diz Dulce Maria Cardoso, no futuro, encontramos o mesmo tema na obra e na fala das entrevistas do escritor moçambicano

² Entrevista ao *Diário de Notícias*, 17.8.2016.

Mia Couto³. Salientemos como exemplo o seu romance o *Último voo do flamingo*. Couto aponta para o fato de que é preciso recriar o passado e fazer dele um novo, melhor e mais brilhante, que possa servir à gente para poder construir sobre ele um futuro. Senão, o futuro não é possível.

Contudo, para poder olhar para o futuro e criá-lo, é preciso aclarar as questões referentes ao passado. Como constata Eduardo Lourenço, em Portugal reinava uma certa cegueira, como aquela metafórica no romance *O ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago,

como cegueira nacional durante quase treze anos partilhada pela maioria dos metropolitanos e a totalidade dos coloniais, mas a natureza do antigo regime não só o não deixou vir à superfície, impedindo a questão africana de se tornar objeto de pública e natural discussão, como o promoveu a página gloriosa (uma mais) a acrescentar ao nosso currículo de fabricantes de pátrias lusas (LOURENÇO, 2005, p.47).

“Eu estive aqui” (CARDOSO, 2011, p.267), escreve Rui no final do romance no terraço, dessa vez só nos seus pensamentos, como se tivesse um grande giz imaginário, e vai para uma vida nova, para uma Pátria que é mais interior que exterior, porque cada um pertence àquilo que leva no seu interior, à sua Pátria íntima.

Referências

CARDOSO, Dulce Maria. *O retorno*. Lisboa: Edições Tinta da China, 2011.

CARDOSO, Dulce Maria. Entrevista a Dulce Maria Cardoso. *Diário de Notícias*, Lisboa, 17.8.2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Slovar simbolov*. Mladinskaknjiga: Ljubljana, 1993.

³ Entrevista Mia Couto: DNEVNIK, Intervju z Mio Coutom, 12.7.2006

COUTO, Mia. Entrevista a Barbara Jürsic. DNEVNIK, Intervju z Mio Coutom, 12.7.2006.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Didática, 2012.

GUERRA, João Paulo. *Descolonização portuguesa: o regresso das caravelas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

LOURENÇO, Eduardo, *O labirinto da saudade*. Lisboa: Gradiva, 2005.

LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*. 4. ed. Gradiva: Lisboa, 1999.

PETROV, Peter, *O romance português pós-25 de abril*. Lisboa: Roma Ed., 2005.

PORTUGAL, João da Cunha Carvalho. *Portugal: os grandes momentos da história*. Torres Vedras: Alma dos Livros, 2018.

RIBEIRO, Raquel. Os retornados estão a abrir o baú. *Ípsilon* [Online]. 2010. Disponível em: <<http://fonoteca.cmlisboa.pt/mm/IMG/PUBPERIO/jornais/04614/pdf/100813Ipsilon.pdf>>.

Recebido em 30/06/2018.

Aceito em 06/09/2018.